

# **Uma viagem para lugar nenhum**

Textos por  
**Carmina Silotto Vives Reñones**

**Ano:**  
**2015**

Matrícula: 15103932  
Para a aula de Escrita criativa

## **Introdução**

Os textos desse compilado tem o objetivo de expandir o conhecimento e prática de escrita e criação. A maioria dos textos foram feitos para as aulas semanais que tinham uma proposta específica. O processo criativo foi bastante limitado pela quantidade de trabalhos das diversas matérias do curso e devo admitir que não me agradou muito o resultado. Porém acredito que os conhecimentos adquiridos em sala me serão uteis na próxima escrita de qualquer tipo. Escolhi esses textos por serem os que mais se encaixaram nas propostas e também os que estão melhores.

Grata

K

**Para Marcio**

## Sumário:

A montanha.....	04
Um prato frio.....	08
Mo Cushile.....	09
Afogamento silencioso.....	12
Uma noite em Vienna.....	14
Você não sabe quem eu sou.....	16
O branco da paz.....	18
Summertime.....	19
Microconto 1.....	20
Microconto 2.....	20

## **Roteiro: Montanha**

### **CENA 1 - ext. int. tela preta - monte**

Narrador em off enquanto fragmentos de vídeo são intercalados entre lapsos pretos.

**ALEX (OFF)**

Era assim antes, eles tinham levantado  
acampamento numa montanha,  
bem longe da civilização,  
era bem difícil chegar lá...

Imagens de Alex subindo a montanha com a expedição, mostrando a dificuldade.

**ALEX (OFF)**

Foram 9 dias de caminhada,  
e a cada passo nossa expectativa  
como grupo aumentava,  
era a primeira vez que o assunto  
tinha sido vazado para o conhecimento  
publico, isso significava:  
nos pesquisadores, entusiastas  
e interessados.

Vídeos de Alex comendo com o grupo, todos sorrindo e conversando.

**ALEX (OFF)**

Só que dessa vez eu tinha  
sido de fato contratado pelo  
governo para estudar os alienígenas.  
Eu sou biólogo, mas não tinha  
nenhuma ideia do que iria encontrar.

Alex é apresentado dormindo em sua barraca, os outros brincam do lado de fora já preparando o café da manhã. Alex os escuta e sai.

**ALEX**

É o dia! Passa esse pão aqui moleque!

Alex dá um mata-leão num homem mais novo e os dois continuam rindo e repetindo "é o dia".

Algumas horas depois o acampamento é levantado e todos começam a se mover montanha a cima.

Esse era o trecho mais difícil  
da caminhada, com algumas  
partes de escalada em rocha lisa.  
Alex e os outros demoraram  
mais que o usual para chegar ao topo.

Câmera mostra Alex como se fosse um documentário, intercalando com as imagens da subida.

**ALEX (OFF)**

Foi extremamente difícil aquele  
quarto dia, era o dia que nos  
tínhamos que subir a pior  
parte, os outros era  
mais plano, já em cima do platô...

**ALEX (OFF)**

Chegando lá no topo era  
uma alegria geral, todos os

cientistas comemorando...  
Essas coisas... Só os guardas  
(ou assim que os chamavam)  
ficavam quietos, o tempo todo.

Andamos mais um pouco  
lá em cima já, e montamos  
acampamento por mais uma noite...

Eu estava com disenteria,  
meu colega também vomitava,  
suspeitávamos de intoxicação  
alimentar... (risos) Foi assim,  
a expectativa só crescia,  
nos éramos a segunda expedição  
para a Zona, e da primeira não  
tínhamos escutado nada,  
nem como eram, nem se  
falavam nossa língua...

Na verdade não sabíamos  
o que pensar, então, pensávamos  
de mais, inventando uma raça absurda.

Era ate engraçado.

Era o nono dia, todos não  
se aguentavam mais de expectativas,  
levantaram acampamento  
mas rápido do que o usual  
e quase corriam na frente dos guardas.

Por fim, chegaram a uma  
passagem em foram de canyon.

**GUARDA**

É ali a diante. O acampamento  
deles fica depois do canyon...

Agora, devo preparar vocês:  
eles são pequenos, e não  
falam nossa língua. Provavelmente vão  
ficar assustados quando verem o tanto  
de equipamento que vocês estão  
trazendo. É só tentar agir com naturalidade  
e sem movimentos bruscos.

**ALEX**

Vocês já sabiam como eles eram?

E não nos contaram?

esses 9 dias agente especulando e vocês quietinhos?

**GUARDA**

Ordens do chefe.

Entraram em fila indiana no canyon e não pararam ate o outro lado.

**CENA 2 - ext. - Zona alienígena**

O grupo chegando a Zona.

**ALEX (OFF)**

Foi muito estranho, era como se fosse  
um acampamento humano só

que em miniatura com figurinhas  
pequeninas andando por lá.  
Eles eram azul clarinho,  
com olhos amendoados,  
muito mais simples e bonitinhos  
do que tínhamos imaginado.  
Quando nos viram a maioria se escondeu,  
eram muito rápidos.  
Dois deles porem vieram ao nosso encontro.  
Ninguém sabia ao certo  
o que fazer já que eles não falavam inglês...  
Os guardas acenaram para que eles vissem nossas coisas, e foi isso que eles fizeram,  
começaram a revirar nossa bagagem. Não acharam nada que poderia ser perigoso.

**ALEX (OFF)**

Depois de ver nossas bagagens  
eles se voltaram para nós...  
Um deles encostou no braço  
nu do guarda, o outro veio mais  
perto de nós e pegava entre os  
dedos a malha da camiseta. Depois acenaram  
para que nós os seguíssemos.  
E agente estava abobado  
com a presença deles,  
como se fosse irreal...  
O grupo segue os dois para dentro do acampamento.

**ALEX (OFF)**

Eles nos guiaram ate uma toca,  
e ficaram parados,  
esperando que agente entrasse  
sozinhos... Os guardas foram primeiro,  
depois os cientistas...  
Aquele deveria ser o chefe,  
por que estava sentado sozinho  
no meio de uma roda de outros alienzinhos.  
Ele não fez nada.  
Outros pequenos vieram encostar  
em nós, se comunicavam  
de forma estranha devo admitir...  
Depois nos levaram para fora.  
Montamos acampamento,  
ele sempre observando e  
querendo encostar nas coisas.  
Jon ate tentou passar a mão  
em um deles mas todos  
já pegaram antipatia por ele (risos).  
Alex sentado num sofá,  
contando a historia (estilo documentário).

**ALEX**

E foi assim nosso primeiro  
contato com eles...

Ficamos lá por três dias,  
mas, era muito difícil estuda-los,  
eles não gostavam de ser tocados,  
fazia meu trabalho  
quase impossível... (risos)  
Os linguistas também não  
tiveram muito sucesso...

### **CENA 3 - int./ext. Zona alienígena**

Alex sentado no sofá.

#### **ALEX**

Na verdade não sei bem dizer.  
Foi a experiência mais  
incrível da minha vida...  
Mas não sei bem dizer por que...  
Era como se nós tivéssemos  
descoberto outro universo...  
Mas ao mesmo tempo não  
tínhamos descoberto nada...  
Depois de três dias vivendo entre  
eles e apenas observando seus  
costumes eles sumiram...  
Desapareceram certa manha...

Alex sozinho no platô.

#### **ALEX (OFF)**

Eles simplesmente evaporaram  
como se nunca estivessem estado lá...  
Ate procuramos qualquer vestígio...  
mas não tinha nada.  
Ate me perguntei algumas vezes  
depois se eu estaria alucinando  
e tal... Mas não acho que  
estivesse... Eu realmente vi alienígenas.

**fim.**

## Um prato frio

Aconteceu no ultimo minuto, estávamos os as duas molhadas de suor, com as luvas quentes do atrito. Eu esquivei. Um soco, dois, errei. Um minuto pode parecer pouco para qualquer tarefa que se prese, mas numa luta cada segundo se estende, passa em câmara lenta. Esquivei de novo logo antes do baque, foi naquela desviada que ela foi mais rápida, e eu perdi o equilíbrio e cai no esquecimento.

10 anos depois...

Aquela era a semana que eu tinha selecionado depois de anos de pesquisa e recolhimento de dados. Já tínhamos nos mudado de casa três vezes desde a luta. Ela tinha se casado com um analista, relação estranha devo dizer. Tinham um cachorro chamado Benny que passeava nas terças e quintas de noite, comiam fora duas vezes por semana geralmente no mesmo japonês por quilo do bairro chique. A rotina dele era monótona, nem sei o que ele fazia naquele escritório, mas mal se mexia durante horas encarando um computador esquisito. Eu tinha saído para almoçar com ele algumas vezes só para testar o quão fiel ele era antes de seguir para a rotina dela. Acordava as 8 e ficava o resto do dia na academia 5 vezes por semana. Os horários no entanto eram todos irregulares, estavam no meu caderno. Eu saberia dizer onde ela estava o dia todo, todos os dias da semana, todas as semanas do mês.

Ela não me via desde a luta, ela não me via na verdade, nem na luta nem fora dela, a fama tinha subido a cabeça.

Subi no telhado da casa dela, o quarto de visitas não tinha sensor de movimento, perfeito para entrar despercebida. Nenhum deles estava em casa na verdade, ela estava na hora certa, devia estar agora entrando na gôndola de frutas do supermercado do bairro 9:10 da manha de quarta-feira. Ele buscando George, um amigo que ia de carona para o trabalho. Benny já tinha virado meu amigo, nem latia mais quando eu pulava a cerca.

Arrombei a janela. Aquele som de madeira estilhaçando. Entrei.

A senha do alarme trocava a cada semana, deixavam um papelzinho para a empregada dentro do terceiro livro da direita para a esquerda na estante do andar de baixo, seria corrido... Tomei folego, abri a porta. Piiiiii, o tempo de desativar começou a contar, 30 segundos não? Já estava no pé da escada, abri o livro o papelzinho estava logo na pagina certa. Digitei. Silencio. Sorri comigo mesma; uma vitória pessoal.

Subi as escadas para o quarto do casal, mas algo me interrompeu no meio do caminho. A porta do banheiro estava aberta, ela era meio neurótica com organização. Entrei por curiosidade. A tampa do lixo estava no chão; siga a desordem.

Dentro do lixo lindamente colocado um teste de gravidez positivo descansava entre os papeis...

Eu era tão perversa assim de pensar no que pensei?

Sai do banheiro matutando minha revanche... E deixei um bilhete com o irônico convite, ela se lembraria de mim...

No dia seguinte meu treinador disse que tinha uma luta marcada, seria uma das grandes - segundo ele - aceitei, por que não? Afinal eu a tinha preparado com carinho.

O dia da luta. Penso em como faria aquela criança implorar para sair daquele útero mesquinho... Dois socos no rim, paralisia nas pernas, tira a luva, dois socos no abdômen e voilá... Menos uma criança infeliz no mundo.

Subimos no ringue, nos olhamos... os olhos dela fervilhavam, devia ser do bilhete. Não se deve deixar o ódio subir a cabeça antes de uma luta...

Era só lembrar da sequencia que minha vingança estaria traçada... O sinal de inicio soa. No calor do momento tiro as luvas e pulo para cima dela.

## Mo Cuishle:

Saindo do trabalho, eu sempre tomava um ar no banco antes do treino, sentada na praça olhando a portinha espremida entre dois prédios que levava a academia... Eu amava aquele lugar, eu amava aquela academia, era o lugar da expressão, ninguém me reprimia por responder no mesmo nível, dar um soco na boca, cair e levantar, ninguém me julgava pela minha classe social, mais importante era onde saía tudo o que me falavam de sujo enquanto servia as mesas imundas daquele restaurante falido de esquina, meu infeliz trabalho. Soltei o ar, naquele clima frio virava vapor, e se desfazia esbranquiçado. Observei enquanto ia subindo e ficando mais fraco até desaparecer, talvez.

Levantei animada e me dirigi até a portinha. Era uma péssima porta, sempre emperrava, o dono costumava dizer que quem não tinha a força de vontade para passar daquilo não devia nem entrar na academia dele. Idiota, estava sem grana, “quebrado” e todos sabiam. Subi as escadas até o segundo andar, respirei mais uma vez e com um sorriso empurrei a última barreira; lá estava meu mundo...

Homens musculosos batiam freneticamente nos sacos de areia, os mais moços na frente dos espelhos pulando corda e alguns assistindo a luta que estava em andamento dentro do ringue central. Dei a volta no ringue até o banco dos fundos.

- Sempre na hora... Eu sorri com o elogio.

- E aí Fran, estava com saudades? – Rebatir irônica.

Ele abanou as mãos soltando um “Nahh” tirando sarro. – Parece que tem uma novata...

Ele acenou com a cabeça para um canto, mudando de assunto. Olhei a moça de cima abaixo, treinava num saco de pancada afastada dos outros.

- E... A novata tem nome?

Fran era o faxineiro do lugar, acabamos nos aproximando por eu treinar todos os dias até tarde, e às vezes até depois que a academia tinha fechado. Conversávamos sobre a vida no geral, coisas banais, e boxe. Ele via algo especial em mim, gostava de me dar algumas dicas cá e lá depois que os outros tinham ido. E, por isso, Fran sabia de tudo que se passava naquele buraco, todas as pessoas, todos os nomes, todos os sacos que não tinham sido limpos e quem os tinha usado.

- Ninguém falou com ela ainda, que eu saiba...

Sorri.

- Desde quando você descobre nomes conversando?

- Ela acabou de chegar, ainda não vi a ficha dela, me dá um desconto...

- Vamos descobrir então... – Dei uma piscadela.

Tirei a blusa joguei dentro da bolsa e peguei minhas luvas. Fui até os meninos, cumprimentei alguns, trocamos brincadeiras, peguei uma corda e comecei o treino. Me aqueci, depois de muita corda, pulos, suor, alongamentos, fui até o saco de pancada.

- Posso treinar aqui?

Ela sorriu e acenou com a cabeça.

- Nunca te vi, você é nova?

- É, comecei hoje...

- Prazer, eu sou a Beatriz. Bia na verdade. Ninguém me chama de Beatriz...

- Oi, Luana...

Me afastei dela fui em direção ao outro saco e ela continuou treinando, tinha um jeito meio desleixado com os braços, mas se movia com muita naturalidade, parecia que já lutava a algum tempo... Fiquei mais que o normal no saco, observando Luana, depois voltei para o banco dos fundos.

- E aí? - Fran ainda estava no banco...

- Luana.
- Essa é minha garota... Fran deu tapinhas nas minhas costas depois que sentei. – Que cara brava, tudo bem?
- Sim, sim... Ela é meio intrigante você não acha?
- Intrigante de que jeito?
- Sei lá, fui lá falar com ela, mas ela não tava pra papo... Treinando afastada no escuro.
- É... Não sei qual é a dela, meio quieta, deve ser tímida. Parece que já treinava antes.
- Eu percebi... Me lembra, não sei, ela tem um jeito tão delicado e bruto ao mesmo tempo...

Mais tarde Luana entrou no vestiário, eu já tinha terminado de me vestir, estava limpando as luvas.

- Você trabalha no restaurante na esquina né?

- É...

- Eu vi você lá hoje, mas outro garçom que me serviu.

Concordei com a cabeça, não gostava quando as pessoas sabiam onde eu trabalhava, aquele restaurante era tão imundo que me dava vergonha. Luana abriu sua bolsa, tirou um sabão rosa lá de dentro, e sem querer um frasco de comprimidos caiu no chão, perto de mim. Apanhei o frasco e estendi a mão para entregá-la.

- Insônia...

- Oi?

- É um remédio para insônia. - Ela apanhou o frasco de minha mão. – Treinar é a única coisa que me fazia dormir melhor, esse remédio é antigo, tinha ate esquecido que estava aqui. Concordei com a cabeça.

– Eu fico tão cansada no fim do dia que dormir nunca foi um problema pra mim...

Ela sorriu e sentou no banco na minha frente segurando o sabonete rosa e o shampoo.

– Eu costumava ser assim, mas decidi pedir demissão, tudo melhorou sem aquele estresse todo.

- O que você fazia?

- Eu era estagiaria numa firma de direito. – Olhou-me bem nos olhos. – Mas percebi que esse tipo de trampo não era pra mim...

- Que coragem, desistir assim, depois da faculdade.

- Acho que não é nem coragem, a vida passa muito rápido sabe? Pra fazer coisas que eu não gosto...

- É, poético dizer, difícil conseguir na pratica né...

- Só é difícil se você fizer ser difícil. O que você gosta de fazer?

- Eu gosto de boxe, gosto de música, mas não sou boa o suficiente em nenhuma das duas coisas, preciso fazer o que não gosto pra pagar o aluguel...

- É... Eu tive um tempo assim também, meio perdida pensando no que fazer... Pensa, pensa no que você gostaria de fazer...

Eu sorri. – Eu queria ser campeã de boxe, brincadeira, amanhã te falo se pensar em alguma coisa...

Ela levantou deixando no banco o sabonete e o shampoo, acenou para que eu a seguisse e saímos do banheiro, ela me puxou ate o ringue e falou de novo “O que você gostaria de fazer?”. Ela tinha uma tatuagem de duas asas nas costas quanto tirou a blusa, duas asas negras que iam do ombro ao quadril, tirei a minha também, mesmo depois do banho, aparentemente íamos treinar. Asas meio esqueléticas... Pegamos as luvas que ficavam lá mesmo, para os alunos que não tinham, ela ficou de um lado eu do outro. A luz focada no ringue. Nos olhamos nos olhos. Fran estava em algum lugar no escuro, mas eu sabia que ele observava, só via a sombra dela refletindo na parede. Ela se movia de um modo tão gracioso, como se estivesse se preparando para uma dança,

era de fato um tipo de dança, mas não um tipo gracioso, era uma graça mortal de movimentos entre a luz e as sombras, entre um dia de trabalho e uma luta ambígua de tons vermelhos...

Quando estávamos as duas prontas ela disse: - "I want you to hit me as hard as you can". E a sombra na parede caiu sobre mim.

## Afogamento silencioso

Era noite outra vez. Não se sabe ao certo no subsolo, na verdade não faz diferença. Os dias e horas passam sem nenhuma alteração de luz ou temperatura, tudo é estático tudo é inusitadamente insípido e abafado. Mesmo assim, eu sabia que era noite, não se ouvia vozes, só o soar grave e distante das turbinas que filtravam o ar. O único som que ressoava pelas paredes das galerias e corredores mal iluminados do subterrâneo.

Senti a fraca respiração dela no meu pescoço. Ela já dormia. Sentei na cama e o soar grave dos filtros, me incomodavam, aquele ar viciado fazia meus olhos arderem há semanas. Tudo era custoso naquele ambiente, já fazia dois anos que não víamos o sol, fazia dois anos que aquele ar era reutilizado, e fazia dois anos que ela morria aos poucos. Estávamos todos morrendo.

Resolvi dar uma volta para tirar essas coisas da cabeça, isso era o que eu fazia quando o ar ainda era viável e vivíamos em casas acima da terra. Soa nostálgico lembrar do calor tímido do sol e do ar fresco outonal. Pensava nisso enquanto me levantava vestindo os trapos. Me aprontando, para sair de nossa toca. Pela manhã teria que levá-la até a sala do Criadouro, uma sala hiper-oxigenada onde criavam algas marinhas num fosso. No entanto, não queria pensar nisso agora. Saí. Saí para o corredor naquele mundo onde todos dormiam.

Avancei às cegas pelas rampas até dois andares abaixo. Custava respirar quando as turbinas funcionavam, então parei umas duas vezes antes de chegar nas plantações de hortaliças. Lá era o único lugar que a luz artificial funcionava de noite. Estávamos acostumados com o escuro, sabíamos os tuneis de cor há muito tempo. Mas existe algo especial na visão das coisas. Faz os sonhos serem mais nítidos e a imaginação vagar mais longe quando se volta para as sombras. Sentei por ali no meio das verduras para sentir o cheiro do verde. E então rezei. Rezei pra que ela ficasse bem, rezei pra que todos ficássemos bem. Mas não adiantava. Quando se reza se espera que tenha alguém para ouvir e responder suas preces, esse alguém já tinha morrido junto com alguns bilhões que sepultaram a terra conosco, embora ainda estivéssemos vivos, logo nos juntaríamos a eles, um por um, alma por alma, e cedo demais seria a vez dela.

Não tinha ninguém lá, eu estava só naquela gruta enorme, então chorei. Fazia anos que não chorava, deixei que as lágrimas corressem até que meu rosto ficasse duro com o sal, ate que os soluços abafados com as mãos não soltassem mais ar, até que minha cabeça já encostada no chão desistisse daquele doloroso raciocínio e cedesse ao sono dos afogados.

Me encontraram no dia seguinte no meio das plantações. Eu estava sem ar e fraca, mas tinha que ajudá-la a chegar ao Criadouro. Então levantei ofegante e vagarosamente tracei meu caminho até a toca alguns andares acima. Ela ainda estava lá. Respirava com dificuldade, e pelo que pude sentir, já tinha vestido seus trapos. Perguntei se estava pronta, e assim que ela respondeu a ajudei a subir em minhas costas. Ela não andava mais, ela não respirava. Descemos juntas alguns andares até as plantações, onde ela sinalizou que precisava parar. Coloquei-a com delicadeza num banco e sentei ao lado dela. Finalmente podia vê-la na luz fraca das hortaliças. Ela tinha uma pele muito pálida, os olhos profundos de cor negra semicerrados com a claridade estavam tristes e expressavam em gritos todo o silencio que exalava da dor soturna de um ser que morre.

Seguimos descendo devagar, dessa vez sentindo com os dedos as paredes curvadas de terra batida. Ela falava com voz rouca. Sentia dor de cabeça há dias, e eu não ouvia a voz dela há semanas. Estava tão frágil. Eu podia sentir os tons quebradiços

denunciando seu estado débil e sua consciência parcial da realidade – “É a falta de ar”, eu respondi tentando acalmá-la. “Logo já vai melhorar. Olha, estamos quase chegando”. A nossa frente uma porta pressurizada requeria uma senha para o acesso. Acomodei-a num banco enquanto arrumava suas roupas esfarrapadas – “Vou estar aqui esperando”, disse encostando minha cabeça na dela. Ela assentiu e se apoiou em mim para alcançar o painel.

Como todos os dias, esperei na frente daquela porta que emanava uma luz azulada, e fiquei pensando quanto tempo eu duraria depois que ela já tivesse ido. Ultimamente isso era a única coisa que me passava pela cabeça. Fazia alguns anos que estávamos juntas... Desde antes dos subterrâneos. Costumávamos esconder nossa relação da família, agora, ninguém se importava mais. Agora nem tínhamos mais família para esconder.

Ela saiu e naquela luz tênue percebi suas lágrimas. Me abraçou e chorou por muito tempo aninhada como uma criança em meu colo. Afaguei sua cabeça soltando o ar com a boca numa melodia de ninar, até que não foi mais necessário. Ela parou, subiu em minhas costas sem ajuda e fomos para a toca em silêncio. Lá chegando ela se deitou na cama e explodiu mais uma vez em soluços. Não conseguia me contar o que havia ocorrido, mas eu já sabia. Então até que se acalmasse me deitei com ela abraçando suas costas e sentindo o cheiro único de seu cabelo fino.

Depois de algum tempo, ela conseguiu falar algumas frases e disse que me amava disse tudo o que pensava e nunca tivera coragem ou tempo de me dizer. Despediu-se e falou até que eu começasse a chorar também. Ficamos lá deitadas, até que ela não se mexeu mais. No dia seguinte ela nunca se mexeu, e eu também não me mexi. Só me restava o silêncio e o escuro até que o ar parasse de entrar em meus pulmões. Logo eu também não teria hemoglobinas para carregar o pouco oxigênio que ainda me aprisionava no subsolo, afogando-me lentamente no eterno desfalecer de sonhos.

## Uma noite em Viena:

Era uma noite densa quando saímos do bar, num grupo de cinco universitários se agarrando uns nos outros para não cair na sarjeta, estava frio, mesmo sendo primavera um vento gelado tomava as ruas, fazia os bêbados se arrastarem com mais força por medo de se perderem naquele gelo seco que se diluía no escuro, congelava os dedos e rosava as bochechas já avermelhadas pelo vinho.

Só íamos nesse bar nos sábados, ficava muito longe de casa, era ao lado da faculdade e por isso tinham preços bons para quase todo tipo de bebida... Tínhamos avançado alguns quarteirões quando um de nós parou, fitava o céu com a testa franzida.

Um outro soltou: "Vamos logo, seu bêbado".

"Pera ai cara, eu vi alguma coisa brilhando no céu...".

Rimos e voltamos para arrastá-lo conosco, mas foi daí que vimos o céu se iluminando várias vezes muito rápido, como raios silenciosos que se alastravam avivando as nuvens e depois nada, desapareceram. Pensamos em alienígenas tomando a terra, e voltamos fazendo piadas, rindo alto até a pensão, não lembro muito bem o que aconteceu depois disso.

Acordei no dia seguinte de ressaca, um braço roxo meio congelado, tinha caído para fora da cama, aquele aquecimento era um inferno. As janelas grandes de demolição tinham ficado abertas da noite anterior e as cortinas brancas dançavam em círculos com as lufadas... Ela ainda dormia, meio descoberta emaranhada nos cobertores ralos, coloquei uma manta aninhada por cima das camadas de tecido, afastei o cabelo de seus olhos e não querendo acordá-la deixei o quarto.

Fui até a cozinha, nada nos armários ou na geladeira exceto cerveja. Entrei sem jeito num, sobretudo que ficava pendurado na porta, calcei as botas e sai de casa, descí as escadas da pensão e dobrei a esquina ate o mercado. Tudo estava vazio, estranho, só as casas antigas continuavam iguais, eram do pre II guerra, não se achava construções assim em todo lugar, eu adorava aquele bairro... Assim que passei o vendedor fechou a porta as minhas costas.

"Rápido, rápido! Não viu as notícias?"

"Não senhor, o que aconteceu?"

"Por isso que você está na rua então... Ontem, viu o céu?"

"Você também viu? Eu achei que era uma alucinação sei lá..."

"Não, não, houve uma explosão ontem a noite, na Ucrânia, o jornal diz que foi uma explosão de um reator nuclear..."

"Um reator? E... "

"A radiação está chegando até aqui, foi aconselhado pelo jornal, rádio e TV que as pessoas fiquem em casa pelo menos esses primeiros dias..."

"Entendi... Acho... É... Posso levar um jornal?"

"Claro, claro..."

Andei pelas gôndolas do mercadinho pegando qualquer coisa que não estragasse tão rápido, grãos, embutidos, mais cerveja... Passei no caixa e gastei todo o dinheiro que tinha trazido, que não era muito, agradei o frentista e voltei o mais rápido passível para casa, carregando as compras em baixo do braço. As ruas desertas e o vento assobiando nos telhados empoeirados das construções do bairro antigo.

Chegando em casa meu vizinho disse para fechar as frestas da janela com fita crepe, deixar o sapato para fora e passar pano na casa varias vezes. Não entendi muito bem o que ele queria com isso, e entrei em casa. Fechei as portas e janelas, tirei os sapatos e abri o jornal na mesa da cozinha. Lá estava, na primeira pagina o acidente nuclear de Chernobyl, um dos reatores tinha explodido, e segundo o jornal partículas radioativas se

espalhavam com o vento e com a poeira por todo o leste europeu, contaminando as casas, fabricas e alimentos, era indicado que a população ficasse em casa pelo menos nos primeiros dias e que evitasse ao máximo contato com a poeira.

Levantei na hora e passei fita crepe nas frestinhas da janela e da porta, entrei no banho imaginando toda a poeira que tinha passado por mim ate o mercado, nesse tipo de construções o banheiro é na cozinha, bem no meio com um chuveiro dentro da banheira... Esfreguei bem, ate ficar vermelho, o corpo todo varias vezes, limpando a bucha entre as esfregadas, lavei também a camisola no banho mesmo, depois a bota, tinha ficado para dentro, lavei tudo, passei pano na casa ate que saísse limpo, limpei os produtos que tinha comprado no mercado. Exausta me sentei, olhando a cama, imaginando tudo de ruim que podia acontecer, ela ainda estava lá, imóvel, ela ainda dormia.

## Você não sabe quem eu sou

- Você realmente não sabe quem eu sou? – Pergunta rapaz mais novo.  
O outro homem olha com desconfiança. Estão os dois, nus, com os lençóis amarrotados fumando e só com uma luz fraca de fundo...
- Não quero nem saber, seu traveco. Amanhã já me mudo desse prédio imundo, vou no banco receber o que me devem, depois volto pra minha casa lá no campo.
- Pois é... Assim que são as coisas nesse mundo moderno... – O mais novo solta uma baforada para o teto...
- O outro é visivelmente mais velho, tem linhas marcadas no rosto, provavelmente do trabalho em baixo do sol na lavoura.
- Nesse mundo moderno tem espaço pro seu tipo. Não reclama, moleque.
- Meu tipo? Você se faz de todo macho e no fim das contas é igual a mim cara, para com essa hipocrisia.
- Na cadeia matam bichas que nem você.
- O primeiro tira os olhos do teto tragando mais fumaça.
- Meu pai foi pra cadeia... – O mais novo fala com calma, mudando de assunto.
- Deve ter sido um bosta então.
- De fato... Você foi um bosta?
- Eu fiz o que tinha que fazer. Sou o que tinha que ter sido, ninguém é perfeito moleque.
- Outro fato... – Ficaram em silêncio, olhando ora para o nada pensativos, ora um para o outro buscando respostas.
- E você trepa com qualquer cara que dorme aí do lado?
- Você é muito indelicado... Não, você era um alvo especial.
- O homem mais velho ri.
- Que mentira...
- O mais novo estava ainda com a maquiagem borrada na boca vermelha. E estava sério.
- Não é brincadeira.
- O outro para de rir e solta fumaça em direção ao jovem.
- Não é brincadeira?
- Seu nome é Georg, Georg Sael. Sua cidade é pequena, quase uma vila, no sul, desaparece no meio das montanhas. – Falou isso gesticulando montanhas no ar.
- Georg estava serio, espantado com olhos vidrados.
- Eu costumava falar isso, com essas exatas palavras... – Faz uma pausa desacreditando.
- Como você sabe disso?
- Eu sei tudo sobre você Georg, já falei que você é especial.
- Georg se levantou andando para trás, alcançou com uma mão as calças no chão e segurando o cigarro com a boca escorregou para dentro delas.
- Você é louco, estava me perseguindo?
- Supostamente, te segui desde que saiu da cadeia. Eu não moro aqui de verdade. Só aluguei um quarto como você...
- Georg para já colocando a segunda manga da camisa.
- Por quê? Quem é você, porra?
- Você disse que não queria nem saber, afinal sou só um traveco...
- Georg pulou na cama dando um tapa no outro e segurando o pescoço contra a parede, o jovem nem reagiu.
- Quem é você, filho da puta?
- Eu acho que esse desespero todo é por que você já sabe a resposta.

Georg afrouxa o aperto e senta na cama primeiro, tenso, com medo daquela resposta, depois explode em lágrimas.

– Não pode ser... – Repete no meio dos suspiros. O jovem fuma calmo enquanto o primeiro encosta a cabeça no colchão e chora incansavelmente.

–

Georg estava com os olhos vermelhos, horas depois ainda não tinham trocado nem uma palavra, ele observava o mais jovem, depois pensava e chorava mais uma vez, fez isso por tanto tempo que ambos perderam a conta das horas; talvez já fosse a madrugada.

– Eu fiz isso pra que você me entendesse... Essa era minha vingança pessoal entende? Georg observou o que falava.

– Foi por sua causa que parei na cadeia.

– Não, foi por sua causa que você parou na cadeia, você matou um menino, você merecia estar lá.

– Eu matei ele por você, como você não vê isso?

– Você matou ele por você, era tão inconcebível ver seu próprio sangue trepando com o mesmo sexo que a cadeia parecia um lugar melhor, um lugar pra um homem de verdade não? E daí você sai... E a primeira coisa que te acontece é trepar com um homem... Como se sente em relação a isso? Sua Bicha, eu tenho nojo de você; Não foi o que você me disse depois de matar meu melhor amigo? Eu não deveria ter vergonha de fazer esse tipo de coisas? O que deus pensa de você agora, pai? Você não tem vergonha?

– Cala a boca, seu moleque, você tem problema, como você consegue fazer isso com tanta naturalidade?!

– Além de ter fodido um homem, foi o próprio filho... Eu tenho nojo de você...

– Meu deus, você é um monstro...

– Eu sou o monstro? Se enxerga Georg. Eu fiz isso pra você ver como você é ridículo.

– Tudo o que eu fiz pra que você não crescesse assim foi a toa...

– Tudo o que você fez? Você matou um menino, por que ele e eu nos galanteávamos. Aquele dia estávamos vestidos de noiva e noivo, íamos nos casar, eu era a noiva e ele o noivo, você entrou no beijo, e o casamento virou funeral, meu vestido de pano branco ficou vermelho com o sangue que escorria da cabeça dele. Isso é o que você chama de favor? Você acha que fui um “moleque” mais feliz depois disso?

– Eu não sabia Markus, eu não sabia... – Georg fala em sussurros choramingando.

– Na prisão matam bichas como você... Como você ainda está vivo?

Georg abafa a boca no travesseiro e grita até o ar acabar de seus pulmões e chora. Markus levanta e coloca o vestido olhando o pai na cama.

– Quem te viu e quem te vê velho... Da última vez nosso selado de despedida foi um soco na boca... – Markus se aproxima do pai e beija sua bochecha.

Markus abandona o hotel e entra num táxi lá em baixo. Georg se levanta e, parado, na janela observa atrás dos prédios os primeiros raios do sol da manhã.

## **O branco da paz**

É o mesmo do vazio

Da dor

Do pó

O pavor de estar só

Não haverá mais céu azul

Só o branco de nevoa, fumaça

O vazio de um corpo inanimado

No chão

A dor nas lágrimas de uma criança que chora

A solidão oprimida de um inocente

A fome

Para os que vivem, o peso dos mortos

Poucos suportam o mundo

As sepulturas

Os cadáveres levaram consigo as almas

Todos choram

Enterram seus pais

Queimam juntos

No fim

Numa ânfora funerária...

## Summertime 1937

Aquela vida era um inferno, pensou ela. Nenhum dois nunca iria pedir o divórcio se não fosse pela amiga nova que tinha feito na praia. De uns tempos pra cá elas tinham conversado muito sobre o relacionamento desproporcional que ela levava com o marido, e a outra, mais velha de certo, colocava ideias na cabeça dela, falando como seus 4 divórcios tenha acabado bem, como isso não era um problema...

Por que não um divórcio, afinal? Pensou claramente um dia, estava infeliz, era jovem e poderia começar tudo de novo com outra pessoa num futuro próximo, ela inclusive já tinha trabalhado, que era mais que suas amigas podiam dizer. Em 1937 a maioria das mulheres não exercia papeis fora de casa. Mais incomum ainda seria uma mulher pedir um divórcio. Causaria um escândalo na vizinhança... Criou coragem.

Finalmente os papeis chegaram. Foi chamada de puta, meretriz, rameira e outros adjetivos mais agressivos, vizinhos pararam de falar com ela, o marido a reprimiu... Mas agora tudo estava em andamento. Como uma bola de neve eventualmente chegaria ao pé da montanha.

A reunião ia de mal a pior, o ex-marido extorquia os bens da moça fazendo tudo para deixa-la sem um centavo. Tinham discutido por horas por cada misero pedaço de mobília, cada conjunto de talheres já esquecidos nas gavetas do porão. Ela não aguentava mais, já nem sabia se queria tanto assim o divórcio, parecia que sofria menos mal casada do que naquela reunião fastidiosa.

Enfim a discussão se dirigiu para uma concordância dissonante, o homem tinha ficado com quase tudo, não era justo, nada daquilo era justo. Levantaram-se, os advogados chacoalharam as mãos, homem e moça mal se olharam e todos juntos deixaram a sala... Um para cada lado.

Ela esperou um tempo no corredor, não queria vê-lo, reparavam naquele piso xadrez horrível... Tudo para tirar ele da cabeça. Porém, no agito do coração viu a silhueta dele deixando o prédio e seguiu por costume. Deteve-se na varanda do prédio de advocacia.

Parou lá, recobrou a postura e ficou um longo tempo olhando a rua inerte... Ela não ia mais correr atrás desse tipo de gente, pensou consigo mesma. Sentou o ar quente de verão encher seus pulmões e decidiu ir à praia. Afinal, apesar de tudo, era um dia lindo.



EDWARD HOPPER *Summertime 1943*

### **Microconto 1:**

Mergulhada no negro, o escuro. Moldada, suas curvas sublimes entre ondas de aço.

Frio, estático, e lindamente cheio de morbidez.

### **Mocroconto 2:**

Os dois, na praia, cada um dentro de si. Ela não olha, não percebe. Ele olha. Cada um sozinho consigo, perdidos no branco.